

Tempo de Fundo 4, construída *in situ*, (fig.36 e 37) foi formada por uma extensa linha de luz no fundo do mar do MAM, formada por cinquenta frascos de vidro transparentes, contendo lâmpadas acesas do tipo LED. Essas lâmpadas funcionam a bateria com duração de 72h, fator que determinou o procedimento de montagem, fazendo com que fosse realizado no dia da exposição e, desmontada, na mesma madrugada. Por isso, a data de abertura da exposição foi previamente escolhida para acontecer numa noite de lua nova. Os vidros iluminados foram amarrados em cinquenta poitas¹² que, por sua vez, foram presas entre elas a um cabo de seda (corda) medindo mais de 100 metros de comprimento. O cabo, preso e esticado desde a coluna (submersa) do píer do museu, avançou numa linha contínua mar afora, prolongando-se infinitamente na direção do horizonte. As reticências luminosas chegaram à superfície silenciosamente, mas, embaixo da água, os pontos de luz movimentaram-se incessantemente fazendo aflorar a forte agitação das marés. “O oceano... também ele é complicado; debaixo das suas vagas de águas, que se vêem, há outras vagas de forças, que não se vêem [...] como é cheio de tempestades, torna-se equilíbrio [...] o oceano, com seu fluxo e refluxo, é o pêndulo da terra” (HUGO 1979, p. 227).

A incorporação da luz como recurso estético, ampliou as possibilidades criativas, dinamizando o circuito. A instalação acesa no fundo do mar, proporcionou imagens de instantes que fogem no tempo, como nossa própria existência, habitada por identidades provisórias, diluídas em uma circulação de identificações passageiras. Através do tempo podemos entender o ritmo e a marcação da percepção no espaço, o tempo como instante criador independente e fragmentado. O tempo gerou imagens que escaparam nas águas do mar, se dissolveram em possibilidades criativas. Tempos narrativos e poéticos que revelaram apenas o instante da arte, como momento único.

Em meio a ritmos diferentes e efeitos inesperados, as luzes, como os faróis, distribuíram fochos numa tentativa de nortear uma relação entre obra e fruidor, quando este foi convidado a “mergulhar” na linha pulsante. A luz, vista como um alerta ou índice, fez a pesquisa exceder em força, em travessias e transbordar em um tempo de fundo para além dos limites artísticos e simbólicos.

¹² Poita: Peso de várias formas, feito de ferro fundido ou de concreto armado que se liga por um cabo a uma bóia de superfície. É utilizada em todas as amarrações fixas para ancorar uma embarcação (HOLZHACKER 1971, p.203).

E, em meio a transitoriedades marítimas e novas possibilidades criativas me pergunto: como manter a força poética no mundo instável da água para que as imagens líquidas e fragmentadas não percam sua potência imediata?

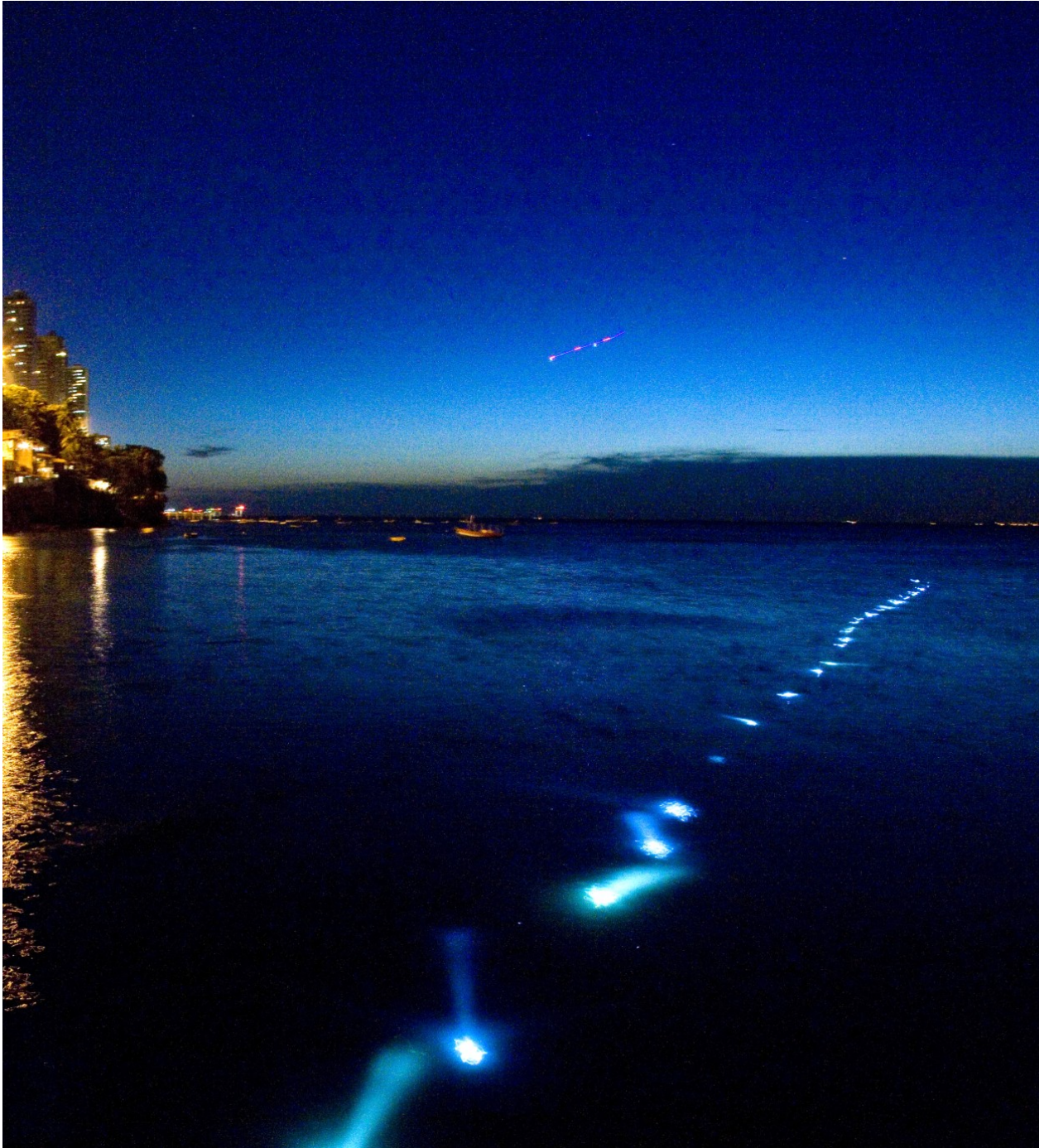


Figura 36. **Tempo de Fundo 4.** Dimensões variáveis. (luz, concreto, cabo e vidro)
Fotografias: Valéria Simões, MAM, 2009

SOLTANDO AMARRAS - Reflexões finais

Nascemos com os olhos acostumados ao azul das águas.
Temos um corpo que anseia pelo braço do mar e um pulmão
que aceita grandes privações de ar apenas para prolongar a
nossa vida no mundo azul.

Somos homens e mulheres de espírito inquieto.
Buscamos na nossa vida mais do que foi dado.
E tudo isto para quê?
Para podermos satisfazer uma paixão, um sonho.

Quando vamos até o fundo do mar, descobrimos que ali jamais
poderíamos viver sozinhos...

E em duplas, passamos a ter equipes, e estas passam a ser
cada vez maiores e mais unidas.

E assim entendemos que somos todos velhos amigos mesmo
que não nos conheçamos ...

E esse elo que nos une é maior que todos os outros que já
encontramos ...

E isso faz com que nós mais do que amigos, sejamos irmãos.
Faz de nós, mergulhadores.

(Trechos extraídos da "Carta aos Mergulhadores", escrita por
Jacques Cousteau em 14 de julho de 2007)

Submergida numa rede complexa de interações, esta pesquisa em arte buscou estabelecer correspondências poéticas e interdisciplinares navegando por rotas do imaginário marinho. Mensagens colocadas em garrafas transmitem a idéia de que o homem, mesmo depois de perecer, deseja que seu conhecimento sobreviva e seja disseminado. Quando Jacques Cousteau nos fala sobre a linha imaterial que conecta o homem ao oceano de forma definitiva, revela a importância da vibração comum, daquilo que faz o indivíduo experimentar sentimentos e sensações com o outro, numa tentativa de transformar a experiência cotidiana em vínculo afetivo, a ligação social numa paixão compartilhada. A idéia de participação universal é acionada por trocas e interlocuções “que se fazem emoções de um encontro, num mar que estamos sempre por inventar, por navegar, por viver” (RODRIGUES, 1999, p.349). Nesse sentido, o mar de imagens imaginado promete uma viagem para o novo, para a descoberta do outro e de nós mesmos.

Acredito que exista de fato uma forte relação entre o homem e a água. A sensação de submergir na água salgada, bem como a constatação de ser ínfimo frente ao oceano infinito, nos transporta e transcende no espaço e, conseqüentemente, no tempo; faz talvez, com que regressemos ao ponto de partida, ao paraíso irrespirável, ao nosso passado aquático dentro do útero, onde durante nove meses ficamos imersos no ambiente líquido. Volto às palavras de Diegues (2003, p. 3) quando afirma que “à semelhança do útero materno e seus líquidos para onde o ser humano gostaria de voltar, reflete-se na semelhança da composição em sais minerais do sangue humano e da água do mar”. Agora então, sinto que venho à tona, emergindo dos oceanos, das relações estabelecidas durante o processo criativo, e entendo que os mergulhos verdadeiramente foram feitos nos mares do conhecimento.

Dialogando com o sensível e apostando no espírito romântico dos navegadores, chego à conclusão que esta proposta em arte permanece livre, excedendo seus limites, persistindo, entretanto, no objetivo de fazer circular uma idéia. O desejo de me comunicar usando o espaço real e virtual como meio, fez deste processo criador uma rota favorável para exercitar a imaginação e estabelecer correspondências poéticas, que derivaram em múltiplos caminhos e desdobramentos, tornando esta experiência estética extremamente fértil e infundável.

O mar contém em si uma agitação e circulação contínua instituída pela força dos ventos, luas e correntezas que provocam oscilações gerando as marés. Essa

energia da superfície provoca ondas sucessivas e intermináveis que se quebram e se renovam constantemente. Em conjunto parecem todas iguais, mas em particular são diferentes uma das outras. Assim como acontece com o mar, esta pesquisa se estabeleceu, desde o início, na base de relações interdisciplinares que se ajustaram ao todo, num fluir unitário.

Venho reunindo ao longo dos anos, projetos com diferentes possibilidades de apresentação. Percebo que em algum momento poderão ser resgatados e articulados como novas propostas, as quais, mesmo fragmentadas, farão sentido se forem acionadas e reorganizadas para materializar um novo pensamento plástico. Diante das obras instauradas no MAM, vi expandida, mais uma vez, as múltiplas possibilidades e sentidos da minha produção artística, pois essa exposição, ao invés de encerrar um fluxo criador, abriu rotas para novas experimentações poéticas: uma outra circulação artística. Percebo então, que é preciso soltar as amarras e deixar à deriva as questões surgidas, pois mais do que nunca, as vias inventivas demandam novas navegações.

A exposição **Tempo de Fundo** circulou entre valores e signos advindos de distintos campos, preconizando uma atuação criativa sobre a questão do entorno marinho no contexto artístico, procurando construir, reconstruir e socializar o conhecimento. Inserida numa poética líquida, fortalecida por uma pluralidade de informações e contaminações interdisciplinares, revelou um caráter inteiramente híbrido, mutável, para propor outro modo de olhar e vivenciar o entorno marinho.

A potência estética, histórica e simbólica dos oceanos, que preenche e fascina o fantástico do homem, ampliou minha expectativa inventiva. Dessa forma, espero me lançar continuamente em travessias, desvendando metáforas de seres migrantes e aventureiros. Estabeleço, assim, interlocuções diversificadas e traço rotas para aproximar lugares, antes separados pelo imenso mundo das águas e, agora, conectados também virtualmente.

Ainda com muitos questionamentos e sem alcançar um destino definitivo, a única certeza que tenho é a de querer continuar nessa experiência artística fabulando com as imensas possibilidades que o mar oferece, exercitando a sensação de liberdade e comunhão com o mundo, pois no fundo sei, que um novo porto existe, sempre.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: uma história concisa*. Tradução Alexandre Krug, Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001..

AMARANTE, Leonor. *Bienal do Fim do Mundo 2007*. Disponível em:

_____. www.entretenimento.uol.com.br/29/ult4326u91.jhtm (25/06/2009)

_____. www.mariadevedia.com.ar/.../artistas.htm (02/04/2009)

_____. <http://www.replica21.com/archivo/articulos/ab/392antonkcho.html> (6/07/2009)

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Mar - Poesia*. 3ª ed.: Lisboa: Editora Caminho, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antônio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A Poética do Espaço*: Tradução Francisco Kuhnem, Antônio da Costa Leal, Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova cultural, (Os Pensadores) 1988.

BARBOSA, Elyana. *Gaston Bachelard: o arauto da pós-modernidade*. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 1996.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: José Olympio, 2002.

CLIFFORD, Barry e TURCHI, Peter. *O Príncipe Pirata; (Descobrimos os tesouros inestimáveis do navio naufragado Whydah)*. Trad. Outras Palavras. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1995.

COUSTEAU, Jaques-Yves. *Enciclopedia Del Mar*. Vol.1. Trad. Vicente Manuel Fernández y Miguel Aymerich. Barcelona: Ed. Folio S.A., 1993.

_____. *Enciclopedia Del Mar* Vol. 4

_____. *Enciclopedia Del Mar* Vol. 5

_____. *Enciclopédia Del Mar* Vol 8

DEBRAY, Régis. *Acreditar, Ver, Fazer - a imagem, a água, a mulher*. Capítulo 2. Trad. Eliana Maria de Melo Souza. São Paulo: EDUSC, 2003.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e Mares, Simbolismo e Imaginário*. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *Povos e Mares: Uma retrospectiva de sócio-antropologia marítima*. Capítulo 2, São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

DOMINGUES, Diana. *Arte e vida no século XXI: Tecnologia, ciência e criatividade*. Organizadora. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

FORTES, Hugo Fernando Salinas Jr. *Poéticas Líquidas, a água na arte contemporânea*. 2006. 178 f. Tese (doutorado em artes visuais) Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

FREIRE, Cristina. *A arte conceitual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. *Poéticas do processo - Arte Conceitual no museu*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GATTI, Fábio. *Da Petrificação à fluidez ou o inverso*. In: Ruína Fratelli Vita: Intervenções. Teoria e Técnicas de processos artísticos. GORDILHO, Viga (org). *Ruínas Fratelli Vita: Intervenções*. Salvador: Editora da Ufba, 2009.

HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*. Trad. Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Civilização Brasileira S/A, 1956.

HOLZHACKER, Rachel. *Enciclopédia do Mar. Dicionário Ilustrado de Navegação a vela*. São Paulo: Abri S.A., 1971.

HUGO, Victor. *Os trabalhadores do Mar*. Tradução Machado de Assis. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JUNQUEIRA, Fernanda. *Sobre o conceito de instalação*. Rio de Janeiro: Revista Gávea, nº 14, set.1996.

KCHO. Aléxis Leyva Machado. Disponível em: Bienal de Havana: www.universes-in-universe.de/.../e_kcho.htm. (20/05/2008)

_____. www.galeriacubarte.cult.cu/g_expo.php?tema=76...(2/10/2008)

_____. www.daylife.com/photo/02KZ7gbgX6gUc (20/11/2009)

_____. www.clarin.com/.../04/01/sociedad/s-05701.htm (14/03/2010)

_____. www.artnews.com/issues/article.asp?artid=725 (3/03/2010)

KLINK, Amyr. *Cem Dias entre Céu e Mar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KAUSS, Rosalind E. *Caminhos da Escultura Moderna*. Tradução de Julio Fisher. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Relato de um Náufrago*. Trad. Remy Gorga Filho. 12^a ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1970.

MEIRELES, Cildo. Disponível em:www.canalcontemporaneo.art.br/.../000795-html
Acesso 20/05/2009.

_____. Marulho. www.noticias.uol.com.br/.../06/12/ult581u2631.jhtm Acesso em 5/06/2009.

_____. www.artebrasilera2009.blogspot.com/2009/08/grupo

MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Tradução de Adalberto Rochsteiner e Monteiro Lobato. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

NEGRA, Hormiga. *Mensajes em Botellas*. Desde el Circe em la IV Regata Buenos Aires-Rio de Janeiro, 1978.

PESSOA, Fernando. *O Eu Profundo e os Outros Eus*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1972.

RAMBELLI, Gilson. *Arqueologia até debaixo d'água*. São Paulo: Editora Maranta, 2002.

REY, Sandra. *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Eleida (org). *O meio como ponto zero*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. pp. 123-140.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. *Por uma filosofia do espanto imaginário. Uma tentativa de reconstrução através das imagens poéticas da formação do filósofo sonhador numa perspectiva Bachelardiana*. Tese (doutorado em filosofia) Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

SALLES, Almeida Cecília. *Redes da Criação: Construção da Obra de Arte*. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

GLOSSÁRIO

TEMPO DE FUNDO

Expressão usada que faz referencia ao tempo de permanência do mergulhador no fundo do mar. Nesta dissertação representa o instante poético das imagens criadas.

AMARRA

Genericamente, elemento de ligação entre o navio e a âncora destinados a arriá-la, fundeá-la ou içá-la. (HOLZHACKER, 1971p. 18).

ANCORAR

Lançar âncora ao fundo, para manter parada uma embarcação. (HOLZHACKER, 1971 p. 24).

APNÉIA - O mergulho livre, ou mergulho em apnéia, ou simplesmente apnéia, constitui aquele mergulho feito sem o auxílio de equipamentos de respiração subaquática. De uma forma muito simples, é quando prendemos a respiração e mergulhamos na água. (www.xdivers.com.br/mergulho_livre1.htm)

AQUALUNG OU GARRAFA DE MERGULHO

Equipamento Scuba (*Self Contained Underwater Breathing Apparatus*). Equipamento de mergulho desenvolvido na década de 1940 por Cousteau e Gagnan. Com esse equipamento, o mergulhador carrega um ou dois cilindros de ar comprimido sob pressão. O ar comprimido sai do cilindro para um regulador de pressão (1º estágio), e deste para uma mangueira que conduz o ar ao bocal do mergulhador (2º estágio). As expirações são expelidas na água sem retorno ao sistema. À medida que a pressão aumenta com a profundidade, o regulador permite que o mergulhador receba cada vez mais ar. Logo, quanto mais fundo ele estiver, maior será a pressão e o consumo de ar pelo mergulhador. (RAMBELLI, 2002 p. 129).

ARQUEOLOGIA

Ciência social que estuda a vida das sociedades por meio de seus restos materiais encontrados em devidos contextos, sendo a arqueologia marítima restrita ao ambiente alagado ou marítimo. (RAMBELLI, 2002 p. 129).

ARTEFATOS

Todos e quaisquer objetos confeccionados, transformados ou retocados pelos seres humanos. (RAMBELLI, 2002 p. 130)

ATRACAR

Avizinhar-se de outra embarcação ou de um cais. (HOLZHACKER, 1971 p. 33).

BÓIA

Caixa oca e flutuante, presa ao fundo do mar, feitas de lâminas de ferro. Segundo suas funções: bóia de balizamento e bóias amarração. (HOLZHACKER, 1971 p. 46).

CAIS

Parte do porto onde atracam as embarcações, usada principalmente para embarque e desembarque. (HOLZHACKER, 1971. 67).

CARAVELA

Em sua origem, que remonta ao século XIII, em Portugal, era um pequeno navio de popa alta e quadrada e de proa baixa e arredondada, levando de um a quatro mastros com velas latinas triangulares. (HOLZHACKER, 1971 p. 73).

CASCO

Parte flutuante de uma embarcação, composta de uma estrutura de vigas recoberta por um invólucro estanque à água. (HOLZHACKER, 1971 p. 77).

CULTURA MATERIAL

- (objeto de estudo da arqueologia) a arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura global, material e imaterial, sem limitação de caráter cronológico. (FUNARI, 2006 pg. 15)

- São manifestações físicas das atividades humanas sobre o planeta, em uma escala de tempo que se origina com os primeiros hominídeos e chega até nossos dias, compreendendo lixo, construções, adornos, desmatamentos e represamentos, entre outras. (RAMBELLI, 2002, pg.129)

EQUIPAMENTO BÁSICO DE MERGULHO

Equipamento usado pelo mergulhador para o mergulho livre: nadadeiras ou pés de pato, máscara, *snorkel* ou respirador, faca e lastro (cinto de chumbo).

EQUIPAMENTO PARA MERGULHO AUTÔNOMO

Equipamento básico, garrafa ou cilindro de mergulho, roupa de neoprene, colete equilibrador, válvula reguladora.

FAROL

Sinal marítimo facilmente identificável, à luz do dia, por sua construção alta em forma de torre e, de noite, pela luz de longo alcance (6 milhas no mínimo) emitida na parte superior de portos, canis, ilhas, baixios etc. Sua luz de cor vermelha, verde ou branca, é, geralmente, intermitente e pode ser elétrica, a gás ou a vapor de petróleo. (HOLZHACKER, 1971 p. 148).

GALEÃO

Embarcação de guerra usada no início do século XVI ao fim do século XVIII, principalmente por portugueses, espanhóis e franceses. De formas finas e arredondadas, era bastante alta, contando vários conveses e superestruturas. Portava geralmente quatro mastros. (HOLZHACKER, 1971 p. 161)

INSTALAÇÃO

Termo usado partir da década de 60 que se desenvolveu abrangendo diversas experiências artísticas, como: *performance*, *Earth art*, *heppenings*, *Land art* ... Apesar de Marcel Duchamp já ter trabalhos de instalações realizados anteriormente, o termo só foi cunhado depois dos anos 60, no sentido de obra e espaço se confundirem, ou do espaço necessariamente fazer parte da obra. (DEMPSEY, 2003, pg.247)

MERGULHO AUTÔNOMO

Usando o *Aqualung* (ou equipamento *scuba*), o mergulhador leva consigo o ar para respirar embaixo d'água, dentro de um cilindro, (ou garrafa de mergulho) preso nas costas. Sua autonomia de tempo submerso dependerá de fatores como profundidade, temperatura da água, condicionamento físico do mergulhador etc. (RAMBELLI, 2002 pg. 130).

MERGULHO DE COMPRESSOR

Compressor de baixa pressão é uma máquina a motor que leva ar para o mergulhador no fundo do mar através de mangueiras.

MERGULHO LIVRE

Técnica de mergulho em que o mergulhador faz uso apenas de suas condições físicas, ou seja, seu tempo de permanência está diretamente relacionado ao tempo que consegue ficar sem respirar (apnéia). (RAMBELLI, 2002 pg. 130)

NAU

Embarcação alta, de casco acentuadamente arredondado, que se desenvolveu entre o fim do século XVI e a primeira metade do século XVII. Seu uso, ligado, sobretudo a fins militares e secundariamente a atividades mercantis; prolongou-se até a propulsão a vapor. (HOLZHACKER, 1971 p. 187).

NAVEGAÇÃO

Conjunto de procedimentos que permitem a condução segura de uma embarcação de um ponto a outro da superfície terrestre. (HOLZHACKER, 1971 p. 188).

PATRIMÔNIO CULTURAL SUBQUÁTICO

Entendido como patrimônio arqueológico que se encontra em um meio subaquático ou que tenha sido removido, incluídos sítios e estruturas submersos, zonas de naufrágios, restos de naufrágio e seu contexto arqueológico e natural. É um recurso não renovável e representa parte de uma herança comum da humanidade. Esse patrimônio deve ser preservado para as futuras gerações. (RAMBELLI, 2002 pg. 131)

PLATAFORMA

O pavimento mais elevado de qualquer superestrutura, e, de modo geral de qualquer pavimento parcial elevado e descoberto, que recebe o nome conforme sua utilização. (HOLZHACKER, 1971 p. 203).

Na dissertação foi usado para denominar as etapas de construção e reflexão da pesquisa.

POITA

Peso de várias formas, feito de ferro fundido ou de concreto armado que se liga por um cabo a uma bóia de superfície. É utilizada em todas as amarrações fixas para ancorar uma embarcação. (HOLZHACKER, 1971 p. 203).

SITE-SPECIFIC

Quando as instalações artísticas são concebidas para um lugar específico. (DEMPSEY, 2003, pg. 249)

SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Qualquer lugar onde existam testemunhos materiais (cultura material) de atividades humanas. (RAMBELLI, 2002 pg. 131)

ZARPAR

Levantar âncora para partir; deixar o porto; fazer-se ao mar. (HOLZHACKER, 1971 p. 256).